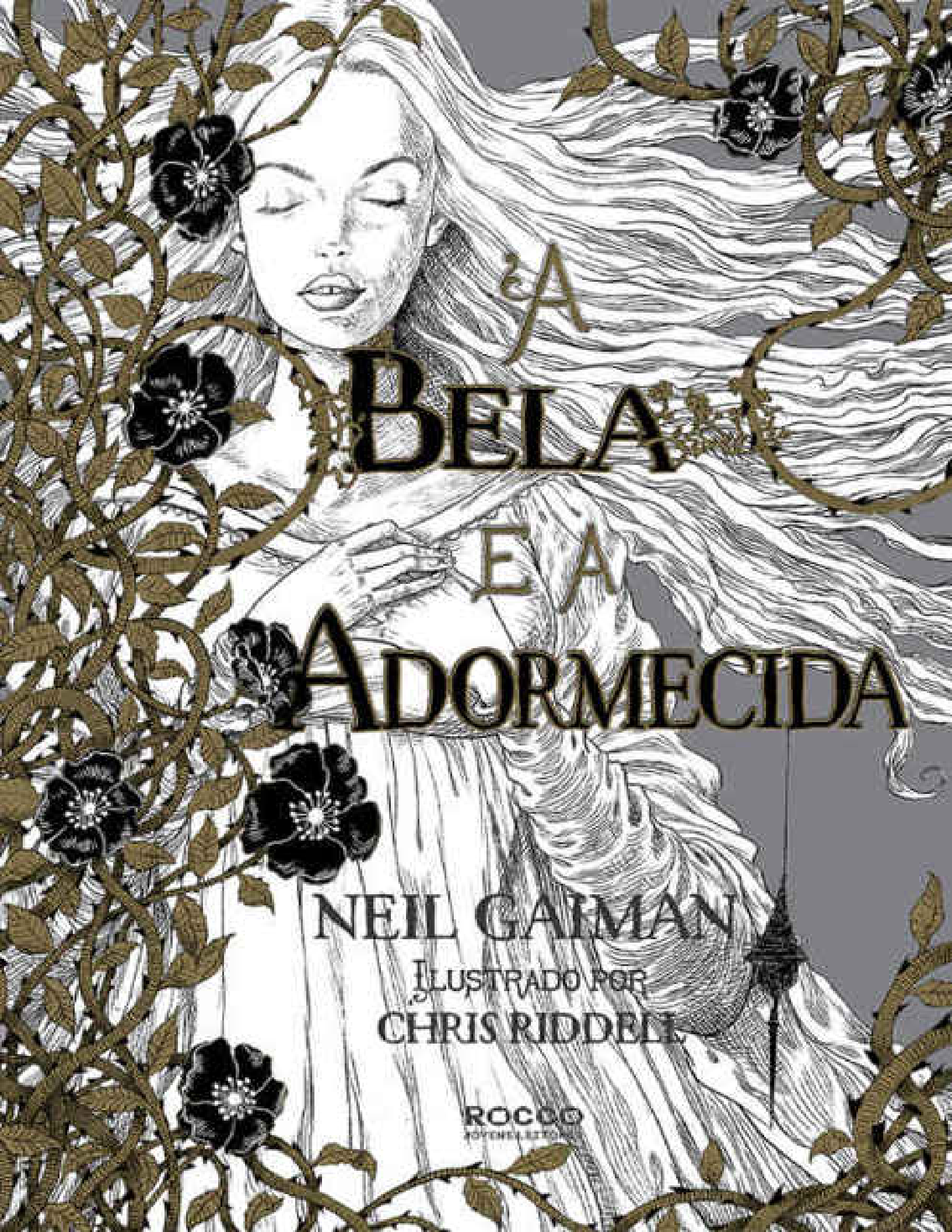




A
BELA
E A
ADORMECIDA

NEIL GAIMAN

ILUSTRADO POR
CHRIS RIDDELL

ROCCO
FOYER EDITORE



À
BELA
E A
ADORMECIDA

Neil Gaiman

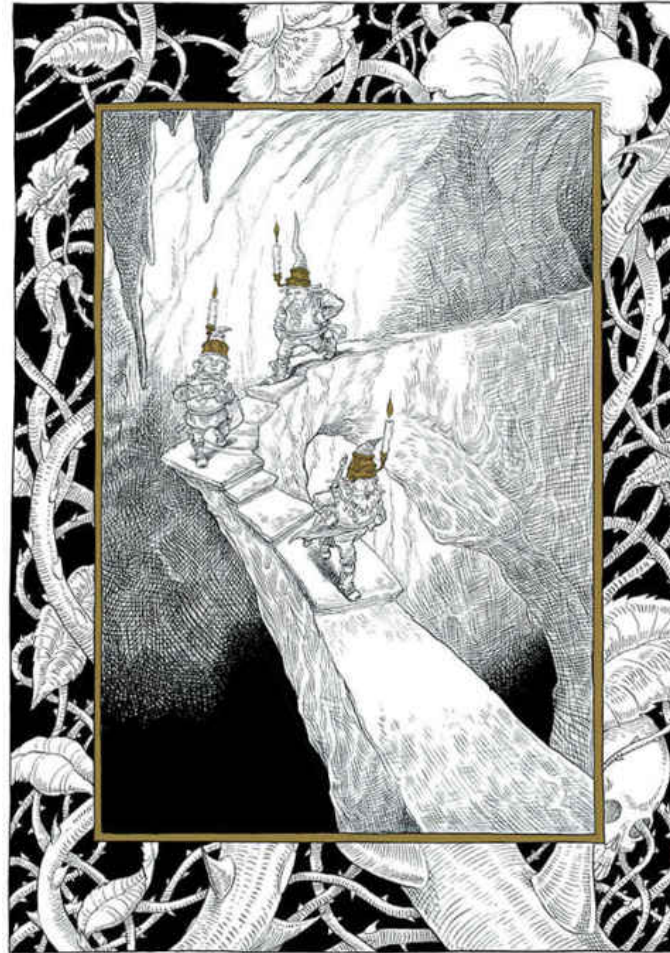
Ilustrado por

Chris Riddell

traduzido por

Renata Pettengill

ROCCO
JOVENS LEITORES



*Para Holly e Maddy, minhas filhas, que me
despertaram
N.G.*

*Para minha filha Katy, que está no começo da sua
jornada
C.R.*



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Era o reino mais próximo

A rainha acordou cedo

Os três anões emergiram

– Dormindo? – perguntou a rainha

Ela cavalgou um dia inteiro

O castelo na Floresta de Acaire

A menina de cabelos loiros

Era a primeira cidade grande

Ela usava a bengala

Um lenhador, dormindo

Eles sentiram a presença

Lobos corriam ao lado deles

A ponte levadiça

Eles fitaram a espessa barreira

Pela janela estreita

– Funcionou? – perguntou um dos anões

A pouco mais de um quilômetro

Créditos

Os Autores

Era o reino mais próximo ao da rainha, em linha reta, como voa o corvo, mas nem os corvos voavam até lá. A elevada cadeia montanhosa, que servia de fronteira entre os dois reinos, desencorajava corvos da mesma forma que desencorajava pessoas e era tida como intransponível.

De cada lado da cordilheira, mais de um comerciante empreendedor havia incumbido gente de procurar a trilha pela serra que teria, caso existisse, enriquecido qualquer homem ou mulher que a controlasse. As sedas de Dorimar poderiam chegar a Kanselaire em poucas semanas ou meses, em vez de anos. Mas tal trilha não existia, portanto, ainda que os dois reinos compartilhassem a fronteira, ninguém passava de um lado para outro.

Nem os anões, robustos e durões, feitos de magia tanto quanto de carne e osso, conseguiam escalar a cadeia de montanhas.

Isso não era problema para os anões. Eles não cruzavam a cordilheira por cima. Eles cruzavam por baixo.

Três anões viajavam ligeiros como um só pelos caminhos escuros sob as montanhas:

– Depressa! Depressa! – disse o anão que seguia por último. – Precisamos comprar para ela o mais belo tecido de seda de toda

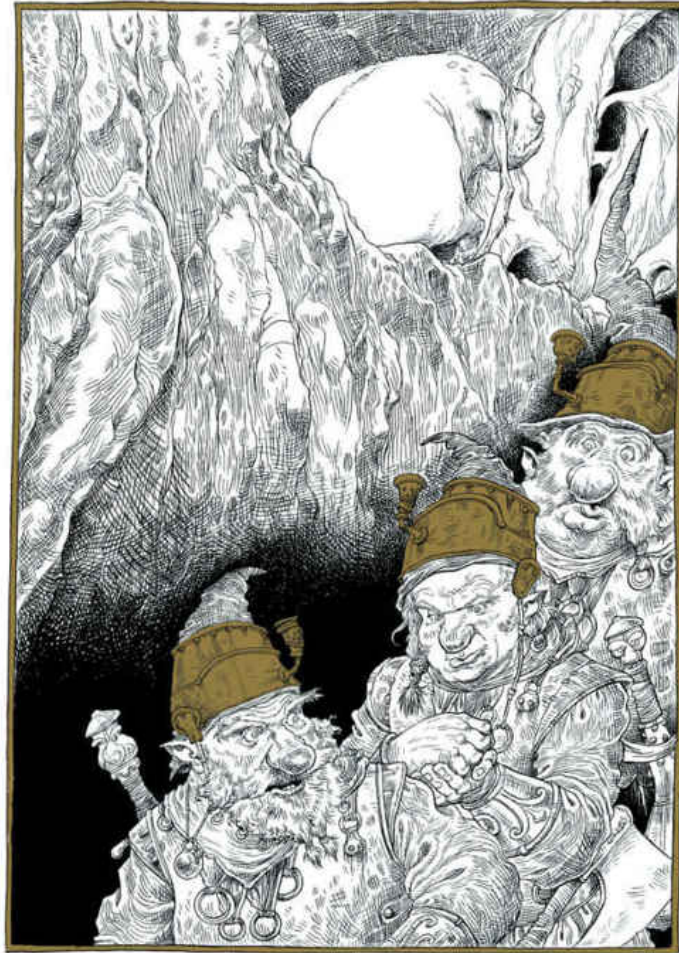


Dorimar. Se não nos apressarmos, talvez a peça seja vendida antes, e seremos obrigados a comprar o segundo mais belo tecido.

– Nós sabemos! Nós sabemos! – respondeu o anão que corria no início da fila. – E compraremos uma maleta para transportar a seda na volta, para que permaneça perfeita e intocada pela poeira.

O anão do meio nada falou. Ele segurava com firmeza uma pedra, para não deixá-la cair nem perdê-la, e não prestava atenção em nada além dela. A pedra era um rubi, extraído bruto da rocha e do tamanho de um ovo de galinha. Poderia comprar um reino depois de lapidado e incrustado, e seria facilmente trocado pelas mais belas sedas de Dorimar.

Nem passaria pela cabeça dos anões presentear a jovem rainha com algo que eles tivessem extraído do fundo da terra. Seria fácil demais, corriqueiro demais. É a distância que torna especial o presente, assim acreditavam os anões.





A rainha acordou cedo naquela manhã.

– Em uma semana – pensou em voz alta. – Em uma semana, estarei casada.

Isso parecia ao mesmo tempo improvável e extremamente definitivo. Ela ficou se perguntando como se sentiria na condição de esposa. Seria o fim de sua vida, concluiu, se a vida fosse um tempo de escolhas. Em uma semana não teria mais o que escolher. Reinaria sobre seu povo. Teria filhos. Talvez morresse durante o parto, talvez de velhice, ou em batalha. Mas o caminho para a sua morte, a cada batida de seu coração, seria inevitável.

Ela podia ouvir os carpinteiros no prado ao pé do castelo fazendo os bancos que permitiriam seu povo assistir ao casamento. Cada golpe de martelo soava como a batida de um coração.





Cada golpe de
martelo soava
como a batida
de
UM CORAÇÃO.



Os três anões emergiram com esforço de um buraco à margem do rio e escalaram até o prado. Um, dois, três. Eles subiram no topo de um afloramento granítico e se esticaram, deram chutes no ar, pularam e se esticaram mais uma vez. Então saíram em disparada para o norte, em direção ao aglomerado de edificações baixas que formavam a aldeia de Giff; mais especificamente, em direção à estalagem.

O estalajadeiro era amigo dos anões: estes haviam levado para ele uma garrafa de vinho de Kanselaire – tinto escuro, doce e encorpado, em nada parecido com os vinhos ácidos e pálidos daquelas partes –, como sempre faziam. Ele daria de comer aos anões, lhes aconselharia e os despacharia para seu destino.

O estalajadeiro, com o tórax tão largo quanto seus barris, a barba tão farta e alaranjada quanto o rabo de uma raposa, estava no bar da estalagem. Era de manhã bem cedo, e o salão, que estivera vazio nas visitas anteriores dos anões àquela mesma hora do dia, parecia abrigar umas trinta pessoas, nenhuma delas com cara de bons amigos.

Os anões, imaginando que entrariam de mansinho num salão vazio, foram recepcionados pelos olhares de todos.



– Meu bom mestre Foxen – começou o anão maior dirigindo-se ao estalajadeiro.

– Rapazes – falou o estalajadeiro, que tomava os anões por garotos, apesar de terem quatro, talvez cinco vezes a idade dele –, sei que vocês viajam por baixo das montanhas. Precisamos dar o fora daqui.

– O que está havendo? – perguntou o mais baixo dos anões.

– Sono! – gritou o beerrão à janela.

– Praga! – disse uma mulher muito bem-vestida.

– Maldição! – exclamou um funileiro, as panelas chocalhando enquanto ele falava. – A maldição cairá sobre nós!

– Viajamos à capital – afirmou o anão maior, que não era mais alto que uma criança. – Há praga na capital?

– Não é praga – afirmou o bêbado à janela, cuja barba era comprida, grisalha e encardida de vinho e cerveja. – É sono, isso sim.

– Como pode o sono ser uma praga? – perguntou o anão menor, a face desprovida de barba.

– Uma bruxa! – disse o bebum.

– Uma fada má – corrigiu um homem de cara gorda.

– Pelo que ouvi dizer, ela era feiticeira – interveio a garçonete.

– Fosse o que ela fosse – tornou o beerrão –, não foi convidada para a celebração do nascimento da criança.

– Tudo balela – retrucou o funileiro. – Convidada ou não para a festa de batismo, teria amaldiçoado a princesa de qualquer jeito. Ela era uma das bruxas da floresta, relegada a uma vida à margem de tudo, há mil anos, e uma criatura má. Lançou uma maldição sobre o bebê logo que nasceu, tal que, quando completasse dezoito anos, a menina furaria o dedo e cairia num sono eterno.

O homem de cara gorda enxugou a testa. Ele suava, mesmo não estando quente.

– O que eu soube foi que a menina ia morrer, mas outra fada, uma das boas, reduziu a pena de morte mágica para outra, de sono. Um sono encantado – acrescentou o homem.

– Pois bem – recomeçou o beerrão. – A garota espetou o dedo em alguma coisa. E caiu no sono. E as outras pessoas no castelo, o lorde, a lady, o açougueiro, o padeiro, a leiteira, a dama de companhia, todos dormiram quando a menina adormeceu. Nenhum deles envelheceu nem um dia sequer desde que fecharam os olhos.

– Havia rosas – acrescentou a garçonete. – Rosas que cresceram ao redor do castelo. E a floresta se adensou até se tornar intransponível. Isso foi, o quê, há cem anos?

– Sessenta. Oitenta, talvez – corrigiu uma mulher que até então não havia se manifestado. – Sei disso porque minha tia Letícia se lembra do acontecido de quando era garota, e ela não passava dos setenta quando morreu de disenteria, e isso foi há apenas cinco anos, que se completam no fim deste verão.

– ... E homens corajosos – continuou a garçonete. – Sim, e mulheres corajosas também, segundo dizem, tentaram viajar até a Floresta de Acaire e chegar ao castelo no coração do bosque para acordar a princesa e, tirando-a de seu sono, despertar todos os adormecidos, mas cada um desses heróis perdeu a si mesmo e a vida na floresta, mortos por bandidos, ou empalados pelos espinhos das roseiras que circundam o palácio...

– Acordá-la de que jeito? – perguntou o anão médio, as mãos ainda agarradas à pedra, sendo ele do tipo que gosta de saber de tudo nos mínimos detalhes.

– Do modo tradicional – respondeu a garçonete e ruborizou. – Pelo menos é o que reza a lenda.

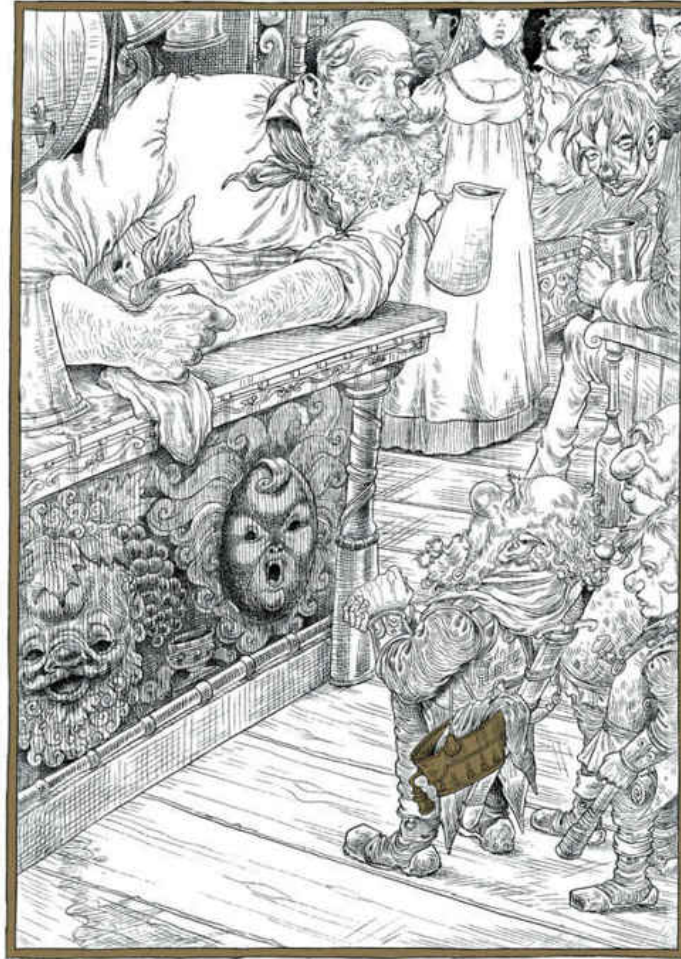
– Entendi – falou o anão maior. – Uma tigela de água fria derramada na cara e um grito de ‘Acorde! Acorde!’?

– Um beijo – esclareceu o bebum. – Mas ninguém nunca chegou perto o suficiente. Eles vêm tentando há sessenta anos ou mais. Dizem que a bruxa...

– Fada – retrucou o gordo.

– Feiticeira – corrigiu a garçonete.

– Seja lá o que for – falou o bêbado. – Ela ainda está lá. É o que dizem. Se você chegar perto. Se conseguir passar pelas rosas, ela estará à sua espera. Ela é velha como as montanhas, traiçoeira como uma cobra, toda malévola, toda magia, toda morte.



O anão menor inclinou a cabeça para o lado.

– Então há uma mulher adormecida num castelo e talvez uma bruxa ou fada ao lado dela. Por que há também uma praga?

– De um ano para cá – explicou o homem de cara gorda. – Começou ao norte, para além da capital. Soube dela primeiro por meio de andarilhos vindos de Stede, que fica perto da Floresta de Acaire.

– As pessoas nos povoados caíram no sono – disse a garçoneite.

– Muitas pessoas caem no sono – comentou o anão maior.

Os anões raramente adormecem: duas vezes por ano, no máximo, algumas semanas seguidas, mas ele já havia dormido o suficiente em sua extensa vida para não conseguir ver nada especial nem incomum nesse ato.

– Eles caem no sono, não importa o que estejam fazendo, e não acordam mais – disse o beerrão. – Vejam a nossa situação. Fugimos de nossos povoados e viemos para cá. Temos irmãos e irmãs, esposas e filhos que estão dormindo em casa ou nos estábulos, até sobre as bancadas de trabalho. Todos nós.

– Está se espalhando cada vez mais rápido – disse a ruiva magricela que ainda não havia aberto a boca. – Agora avança um quilômetro e meio, talvez três, a cada dia.

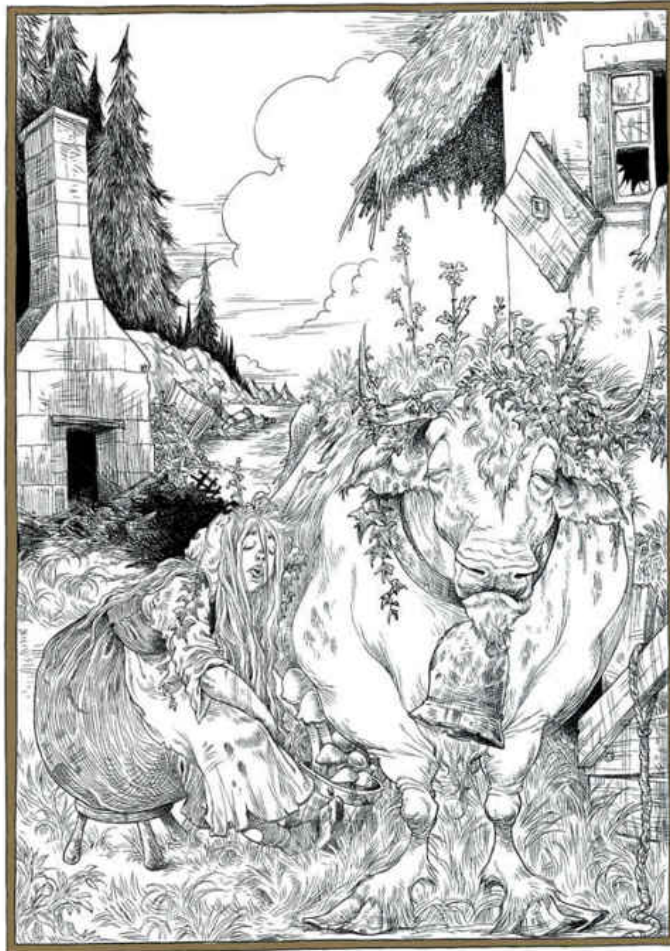
– Chegará aqui amanhã – falou o bebum e esvaziou a caneca, fazendo um gesto para que o estalajadeiro a enchesse de novo. – Não temos para onde ir, não temos escapatória. Amanhã tudo aqui dormirá. Alguns de nós resolveram se entregar à bebedeira antes que o sono nos pegue.

– O que há para se temer no sono? – perguntou o anão menor. – É apenas sono. Todos dormimos.

– Vão e vejam com os próprios olhos – sugeriu o bebedor. Ele inclinou a cabeça para trás e sorveu o máximo que pôde do conteúdo da caneca. Em seguida encarou-os mais uma vez, o olhar desfocado, como se surpreso por ainda vê-los ali. – Vão em frente. Saíam e vejam com os próprios olhos.

Engoliu o restante da bebida e deitou a cabeça na mesa.

Eles saíram e viram.



– **D**ormindo? – perguntou a rainha. – Expliquem-se. Como assim, dormindo?

O anão estava em cima da mesa para poder olhar nos olhos dela.

– Dormindo – repetiu ele. – Às vezes desmoronados no chão. Às vezes em pé. Dormem nas oficinas, apoiados em sovelas, sentados em tamboretas de ordenha. Os animais adormeceram nos campos. Os pássaros também, e nós os vimos nas árvores ou mortos e espatifados nos campos onde despencaram do céu.

A rainha usava um vestido de noiva mais branco que a neve. À sua volta, criadas, damas de honra, costureiras e chapeleiros se aglomeravam no maior rebuliço.

– E por que vocês três não caíram no sono também?

O anão deu de ombros. Sua barba castanho-avermelhada sempre fizera a rainha imaginar um ouriço furioso preso à parte de baixo do rosto dele.

– Anões são criaturas mágicas. Esse sono também é fruto da magia. Mas confesso que fiquei um pouco sonolento.

– E depois?

Ela era a rainha e o interrogava como se estivessem sozinhos. As criadas começaram a despi-la, levando o vestido embora, dobrando-



o e embrulhando-o, para que os últimos laços e fitas pudessem ser aplicados, a fim de que ficasse impecável.

No dia seguinte seria o casamento da rainha. Tudo tinha de estar perfeito.

– Quando voltamos à estalagem de Foxen, todos dormiam, damas e cavalheiros. Ela está se expandindo, a área do feitiço, alguns quilômetros a cada dia.

As montanhas que separavam as duas terras eram impressionantemente altas, mas não muito largas. A rainha estimou a distância em quilômetros. Passou a mão pálida pelos cabelos negros como as penas dos corvos, exibindo um semblante sério.

– O que você acha? – perguntou ao anão. – Se eu fosse até lá, também cairia no sono, como eles?

O anão coçou o traseiro, sem se dar conta.

– Você dormiu um ano inteiro – respondeu ele. – E depois acordou, sã e salva. Se há alguém entre vocês, pessoas grandes, com chance de permanecer desperto por lá, esse alguém é você.

Do lado de fora, os habitantes penduravam bandeirinhas pelas ruas e decoravam as portas e janelas das casas com flores brancas. Talheres e utensílios de prata tinham sido polidos, e crianças contrariadas foram forçadas a entrar em banheiras de água morna (o filho mais velho entrava primeiro, pegando a água mais quente) e esfregadas com flanelas ásperas até os rostos ficarem esfolados e vermelhos. Em seguida foram afundadas na água, e as partes de trás das orelhas, lavadas também.

– Sinto dizer, mas não haverá casamento amanhã – declarou a rainha.

Ela mandou buscar um mapa do reino, identificou as aldeias mais próximas às montanhas, enviou mensageiros para ordenar aos habitantes que as evacuassem e se dirigissem para o litoral, ficando, do contrário, sujeitos à ira imperial.

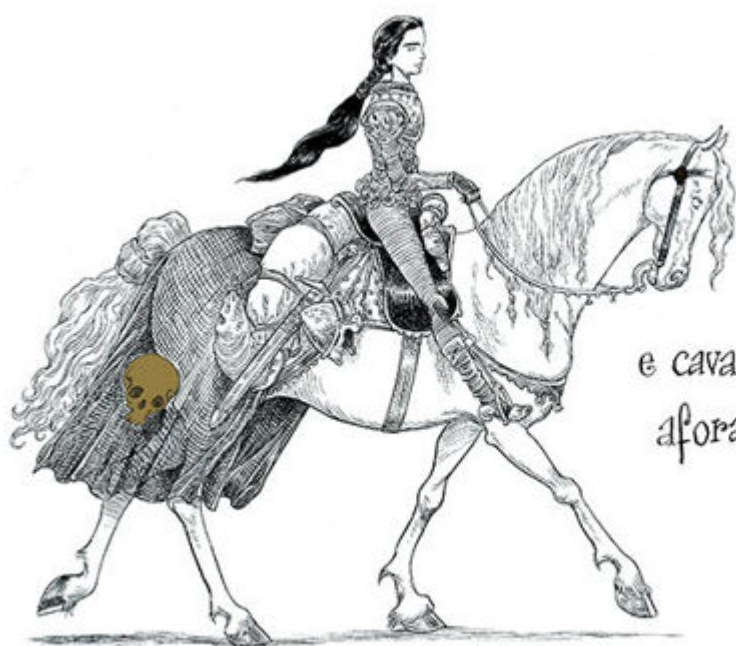
Ela mandou buscar o primeiro-ministro e informou-lhe que ele ficaria responsável pelo reino na sua ausência, e que deveria se esforçar ao máximo para manter tudo intacto e no seu devido lugar.

Ela mandou buscar o noivo, pediu-lhe que não fizesse cena; disse que ainda se casariam, mesmo ele sendo apenas um príncipe, e ela, uma rainha, e fez cócegas no belo queixo dele, e beijou-o até que ele abrisse um sorriso.

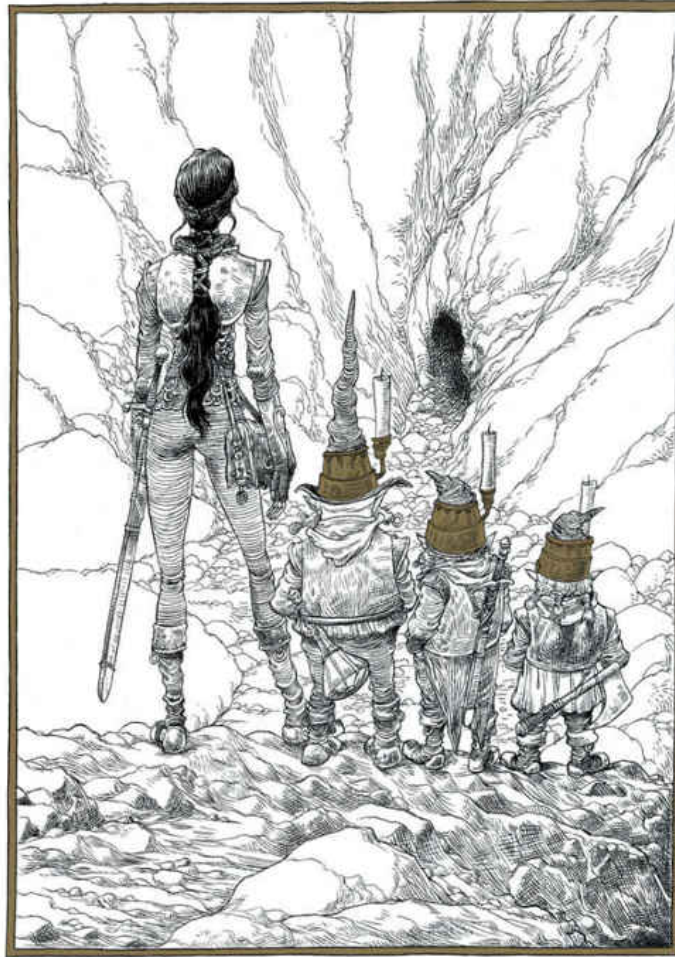
Ela mandou buscar a cota de malha.

Ela mandou buscar a espada.

Ela mandou buscar mantimentos e o cavalo, e em seguida cavalgou palácio afora, em direção ao leste.



e cavalgou palácio
afora, em direção
ao leste.



la cavalgou um dia inteiro até avistar, distante e espectral, como nuvens no céu, a silhueta das montanhas que demarcavam os limites de seu reino.

Os anões a aguardavam na última estalagem no sopé das montanhas e a guiaram por túneis profundos, do jeito que viajam os anões. Ela vivera com eles quando era pouco mais que uma criança e não estava com medo.

Os anões não abriram a boca enquanto percorriam os caminhos subterrâneos, exceto, em mais de uma ocasião, para dizer: “Cuidado com a cabeça.”

– Você reparou numa coisa estranha? – perguntou o anão mais baixo.

Eles tinham nomes, os anões, mas não era permitido aos seres humanos conhecê-los, sendo tais coisas sagradas.

A rainha tinha nome, mas, ultimamente, as pessoas só a chamavam de Vossa Majestade. Os nomes estão meio em falta nesta história.



Os nomes
estão
meio em
falta
nesta
história.



– Eu reparei em várias coisas estranhas – disse o anão maior.

Eles estavam na estalagem do bom mestre Foxen.

– Você reparou que entre todos os adormecidos existe algo que não está dormindo?

– Não – respondeu o anão médio, coçando a barba. – Porque estão todos exatamente do jeito que os deixamos. A cabeça baixa, cochilando, a respiração quase incapaz de perturbar as teias que agora os enfeitam, de tão fraca...

– As tecedeiras não estão dormindo – afirmou o anão maior.

Era a mais pura verdade. Aranhas industriosas teceram suas teias dos dedos aos rostos, das barbas às mesas. Havia uma de tamanho discreto no sulco profundo entre os seios da garçonete. Uma maior e mais densa pintava de branco a barba do bebum. Todas elas vibravam e balançavam ao sabor do vento que entrava pela porta aberta.

– Será que eles vão morrer de fome, ou será que existe alguma fonte mágica de energia que os torna capazes de dormir por muito tempo? – perguntou um dos anões.

– Eu arriscaria a segunda opção – disse a rainha. – Se, como vocês dizem, o feitiço original foi lançado por uma bruxa, setenta anos atrás, e os que estão lá ainda dormem, como Barbarossa sob sua



montanha, então obviamente não envelheceram nem morreram de fome.

Os anões balançaram a cabeça em concordância.

– Você é muito sábia – elogiou um anão. – Você sempre foi sábia.

A rainha deu um grito de horror e surpresa.

– Aquele homem – disse ela, apontando. – Ele olhou para mim.

Era o homem da cara gorda. Ele se movimentara vagarosamente, arrebatando a teia, virando o rosto na direção da rainha. Ele havia olhado para ela, mas sem abrir os olhos.

– As pessoas se mexem quando estão dormindo – observou o anão menor.



– Sim – concordou a rainha. – Elas se mexem. Mas não dessa forma. O movimento foi muito lento, muito demorado, muito deliberado.

– Ou talvez tenha sido fruto da sua imaginação – sugeriu um anão.

As outras cabeças adormecidas do lugar se viraram vagorosamente, num movimento alongado, como se o fizessem de propósito. E, então, cada uma delas se voltou para a rainha.

– Não foi fruto da sua imaginação – disse o mesmo anão, o da barba castanho-avermelhada. – Mas eles estão olhando para você com os olhos fechados. O que não é tão ruim assim.

A boca dos sonâmbulos se mexeu em sincronia. Sem voz, apenas o sussurro exalado através de lábios adormecidos.

– Eles disseram o que eu acho que eles acabaram de dizer? – perguntou o menor dos anões.

– Eles disseram: ‘Mamãe. É meu aniversário’ – respondeu a rainha e sentiu um calafrio.

Eles não foram cavalgando. Os cavalos pelos quais passaram dormiam em pé nos campos, e não foi possível acordá-los.

A rainha andava depressa. Os anões caminhavam com o dobro da velocidade, tentando acompanhar o passo.

A rainha bocejou.



– Curve-se na minha direção – ordenou o anão maior. E ela assim o fez. O anão lhe deu um tapa no rosto. – É melhor ficar acordada – disse ele, todo animado.

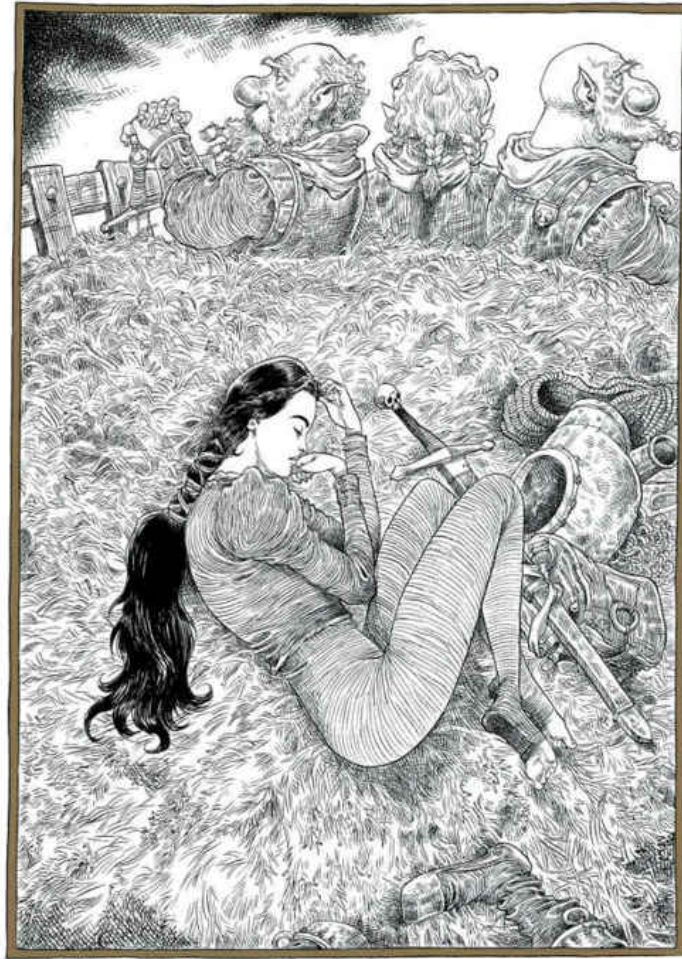
– Foi só um bocejo – argumentou a rainha.

– Quanto tempo, pelos seus cálculos, até chegarmos ao castelo? – perguntou o anão menor.

– Pelo que me lembro dos contos e dos mapas, se não me falha a memória, a Floresta de Acaire fica a mais ou menos cem quilômetros daqui. A três dias de caminhada – respondeu a rainha, e em seguida completou: – Precisarei dormir esta noite. Não vou conseguir andar mais três dias seguidos.

– Então durma – disseram os anões. – Acordaremos você assim que o sol nascer.

Naquela noite a rainha dormiu numa meda de feno, em um prado, os anões à sua volta, os três se perguntando se ela acordaria para ver a luz do dia outra vez.





castelo na Floresta de Acaire era cinzento e maciço, todo coberto de rosas trepadeiras. As plantas caíam pelo fosso abaixo e cresciam quase tão altas quanto a torre mais elevada. A cada ano se espalhavam mais: perto dos muros do castelo só havia caules marrons sem vida, com velhos espinhos afiados como facas. A apenas cinco metros dali, contudo, as hastes eram verdes e os botões florescia, formando belas roseiras. As rosas trepadeiras, vivas e mortas, compunham um esqueleto marrom salpicado de cor, o que tornava a solidez cinzenta do castelo menos precisa.

As árvores na Floresta de Acaire eram densamente agrupadas sobre o solo escuro. Um século antes, fora uma floresta apenas no nome: tratava-se de terras de caça, um parque imperial, lar de cervos, javalis e pássaros, tantos que nem era possível contar. Agora resumia-se a um grande emaranhado, e os antigos caminhos que a atravessavam estavam cobertos pelo mato e totalmente abandonados.





A menina de cabelos loiros dormia na torre mais alta. Todo mundo no castelo dormia. Todos envoltos num sono profundo, menos uma pessoa.

O cabelo da mulher era cinza raiado de branco e tão ralo que o couro cabeludo ficava à mostra. Ela coxeava enraivecida pelo palácio, apoiada em sua bengala, como se movida por ódio e nada mais, batendo portas e falando sozinha enquanto andava.

– Subo essa maldita escada e passo pelo maldito cozinheiro, e o que você está cozinhando agora, hein, seu balofão? Não há nada nas suas panelas e frigideiras além de poeira e mais poeira, e tudo o que você faz é roncar.

E adentrou a horta muito bem-cuidada. A velha colheu rapúnzio e rúcula.

Oitenta anos antes, o palácio possuía quinhentas galinhas; o pombal fora o lar de centenas de pombas brancas parrudas; coelhos de rabo branco haviam corrido livremente pelas gramas nos jardins dentro dos muros do castelo, e peixes haviam nadado no fosso e no lago: carpas, trutas e percas. Disso tudo só restaram três galinhas. Todos os peixes adormecidos foram apanhados com redes e retirados da água. Não havia mais coelhos nem pombas.



Ela matara seu primeiro cavalo sessenta anos antes e comera o máximo que conseguira dele antes de a carne mudar de cor e a carcaça começar a cheirar mal e a ficar cheia de moscas-varejeiras e larvas. Agora ela só abatia os grandes mamíferos em pleno inverno, quando nada apodrecia e ela podia cortar e selar pedaços congelados do cadáver do animal até o degelo da primavera.

A velha passou por uma mãe adormecida com um bebê cochilando em seu peito. Ela os espanou, distraidamente, e verificou se a boca do bebê permanecia no mamilo.

Ela comeu sua refeição em silêncio.

Ela
comeu
sua refeição
em
Silêncio.



Era a primeira cidade grande e imponente que eles visitavam. Seus portões eram altos e intransponíveis de tão grossos, mas estavam abertos.

Os três anões prefeririam contorná-la, pois se sentiam pouco à vontade em cidades, desconfiavam de casas e ruas por considerá-las artificiais, mas seguiram sua rainha.

Uma vez dentro da cidade, a quantidade imensa de pessoas os incomodou. Havia cavaleiros cochilando em cavalos adormecidos; cocheiros dormindo em carruagens imóveis ocupadas por passageiros que repousavam; crianças dormindo agarradas às suas bolas e bambolês e às cordas de seus piões; floristas adormecidas em barracas de flores marrons, podres e secas; havia até peixeiros dormindo ao lado das bancadas de mármore. As bancadas estavam cobertas de restos de peixes fedorentos e repletos de larvas. O mexe e remexe das larvas foram os únicos barulhos e movimentos que a rainha e os anões encontraram.

– Nós não deveríamos estar aqui – resmungou o anão com a barba castanho-inflamada.

– Este caminho é mais direto que qualquer outro que poderíamos pegar – disse a rainha. – Além disso, leva até a ponte. Pelos outros, seríamos forçados a cruzar o rio.



O estado de espírito da rainha não se alterava. Ela foi dormir à noite e acordou pela manhã, e a doença do sono não a tocou.

Os remexeres das larvas e, de vez em quando, os roncos e movimentos suaves dos adormecidos eram tudo o que eles ouviam enquanto atravessavam a cidade. Então uma criança, dormindo num degrau, disse, em alto e bom som:

– Você está fiando? Posso ver?

– Vocês ouviram isso? – perguntou a rainha.

O anão maior disse apenas:

– Vejam! Os adormecidos estão acordando!

Engano do anão. Eles não estavam acordando. Mas estavam se levantando. Eles se punham de pé lentamente e davam passos sonolentos, hesitantes e desconjuntados. Eram sonâmbulos, arrastando teias de aranha em seu rastro. O tempo todo havia teias sendo tecidas.

– Quantas pessoas, quer dizer, pessoas humanas, moram em uma cidade? – perguntou o anão menor.

– Depende – respondeu a rainha. – Em nosso reino, não mais que vinte, talvez trinta mil pessoas. Esta parece ser maior que nossas cidades. Eu diria umas cinquenta mil pessoas. Ou mais. Por quê?

– Porque elas parecem estar todas vindo em nossa direção – disse o anão.

Pessoas adormecidas não andam depressa. Elas tropeçam, elas cambaleiam; elas se deslocam como crianças atravessando rios de melão, como pessoas idosas cujos pés ficam pesados demais com a lama grossa e molhada.

Os adormecidos seguiam em direção aos anões e à rainha. Para os anões era fácil correr deles, para a rainha, fácil se afastar simplesmente andando. E mesmo assim, mesmo assim, havia tantos deles. Cada rua em que a rainha e os anões entravam estava cheia de adormecidos, envoltos em teias de aranha, olhos bem fechados ou abertos e rolados para trás, para dentro da cabeça, mostrando apenas a parte branca, todos eles se arrastando sonambulamente.

A rainha virou-se e correu por uma viela, e os anões a acompanharam.

– Isso não é honroso da nossa parte – disse um anão. – Nós deveríamos ficar e lutar.

– Não há honra em lutar contra um adversário que não faz nem ideia da sua presença – disse a rainha, ofegante. – Nenhuma honra



em lutar com alguém que está sonhando com pesca, com jardins ou com amores há muito perdidos.

– O que eles fariam se nos pegassem? – perguntou o anão ao lado dela.

– Você quer descobrir? – perguntou a rainha.

– Não – admitiu o anão.

Eles correram, e correram, e não pararam de correr até deixarem a cidade pelos portões do lado oposto e atravessarem a ponte que cruzava o rio.

A velha não ia até a torre mais alta havia mais de dez anos. Era uma subida penosa, e cada passo era um tormento para seus joelhos e quadris. Ela subia a escadaria curva de pedra; cada passo curto e arrastado, uma agonia. Não havia corrimões nas paredes, nada que tornasse mais fácil a subida íngreme. Ela se apoiava na bengala, de vez em quando, e seguia em frente.



Ela usava a bengala nas teias também: grossas teias de aranha pendiam do teto e encobriam os degraus, e a velha senhora golpeava todas, desmembrando-as, provocando uma debandada de aranhas pelas paredes.

A subida foi longa e árdua, mas, por fim, ela chegou ao quarto na torre.

Não havia nada além de um fuso e um banquinho, ao lado de uma janela que era apenas uma fresta, e uma cama no meio no cômodo circular. A cama era luxuosa: tecidos de carmim e brocados de ouro eram visíveis sob o cortinado empoeirado do dossel que a encobria e resguardava do mundo sua ocupante adormecida.

O fuso jazia no chão, perto do banquinho, onde havia caído setenta anos antes.

A velha afastou o cortinado com a bengala, e o ar foi tomado pela poeira. Ela fitou a adormecida na cama.

O cabelo da menina era do amarelo-dourado das flores do campo. Os lábios eram rosados como as flores que escalavam os muros do palácio. Fazia muito tempo que não via a luz do sol, mas a pele era da cor da nata, sem ser pálida, e ainda com viço.

O tórax subia e descia de modo quase imperceptível na penumbra.



A velha curvou o corpo e pegou o fuso. E disse bem alto:

– Se eu cravasse esse fuso no seu coração, você não continuaria assim tão lindinha, não é? Hein? Continuaria?

Ela foi até a menina de vestido branco e empoeirado que dormia. Mas abaixou o braço.

– Não. Eu não consigo. Por todos os deuses, como eu gostaria de conseguir.

Seus sentidos estavam ficando cada vez menos aguçados com a idade, mas ela pensou ter ouvido vozes na floresta. Muito tempo atrás ela os vira chegando, os príncipes e os heróis, e assistira ao fim deles, empalados nos espinhos das rosas, mas já fazia alguns anos que ninguém, herói ou não, avançava até o castelo.

– Ah – pensou em voz alta, como sempre pensava, pois quem havia ali para ouvi-la? – Mesmo que se aproximem, morrerão aos berros nos espinhos. Não há nada que possam fazer. Que ninguém possa fazer. Absolutamente nada.



Um lenhador, dormindo encostado no tronco de uma árvore semiderrubada meio século atrás e agora arqueada, abriu a boca quando a rainha e os anões passaram e falou:

– Nossa! Esse deve ter sido um presente de batismo bem incomum!

Três bandidos, adormecidos no que restou da trilha, as pernas e os braços arqueados como se tivessem caído no sono escondidos no alto de uma árvore e depois tombado no solo sem acordar, disseram em uníssono, ainda adormecidos:

– Você vai me trazer rosas?

Um deles, um homem enorme, gordo como um urso no outono, agarrou o tornozelo da rainha quando ela se aproximou dele. O anão menor nem hesitou: decepou a mão com sua machadinha, e a rainha se desvencilhou dos dedos do homem, um a um, até que a mão caiu nas folhas apodrecidas no solo.

– Traga-me rosas – disseram os três bandidos em seu sono, numa só voz, enquanto o sangue escorria preguiçosamente do coto no braço do homem gordo até o chão. – Eu ficaria tão feliz se você me trouxesse rosas.



Eles sentiram a presença do castelo muito antes de avistá-lo, sentiram-no como uma onda de sono empurrando-os para trás. Ao se aproximarem, ficavam com a cabeça anuviada, a mente fatigada, o espírito desanimado, os pensamentos nublados. No momento em que se afastavam, acordavam para o mundo, sentiam-se mais inteligentes, mais felizes, mais sábios.

A rainha e os anões mergulhavam cada vez mais fundo na confusão mental.

De vez em quando um anão bocejava e tropeçava. Quando isso acontecia, os outros anões o pegavam pelo braço e o empurravam, enquanto ele se debatia e balbuciava algo, até que sua mente voltasse ao normal.

A rainha permaneceu desperta, porém a floresta estava repleta de pessoas que ela sabia que não poderiam estar ali. Eles andavam ao seu lado na trilha. Às vezes falavam com ela.

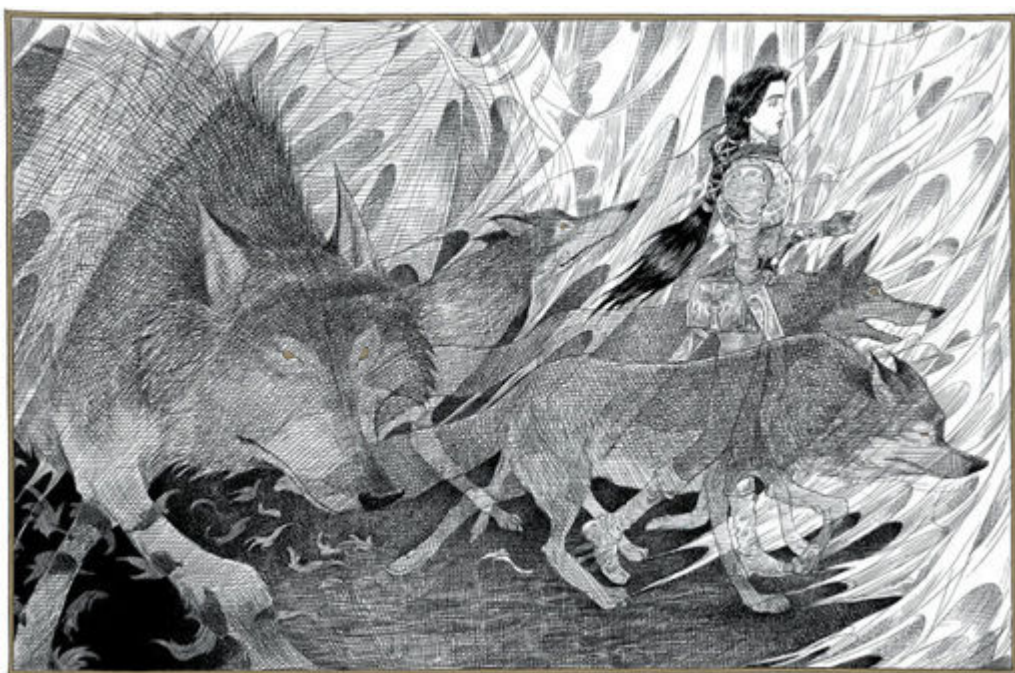
– Vamos agora debater como a diplomacia é afetada pelos assuntos da filosofia natural – disse seu pai.

– Minhas irmãs governavam o mundo – afirmou sua madrasta, arrastando os sapatos de ferro pela trilha na floresta. Os sapatos incandesciam em brasa, mas nenhuma das folhas secas queimou ao tocá-los. – Os mortais se viraram contra nós, eles nos



derrubaram. Por isso esperamos em fendas, em lugares nos quais não conseguem nos ver. E agora eles me adoram. Até você, minha enteada. Até você me adora.

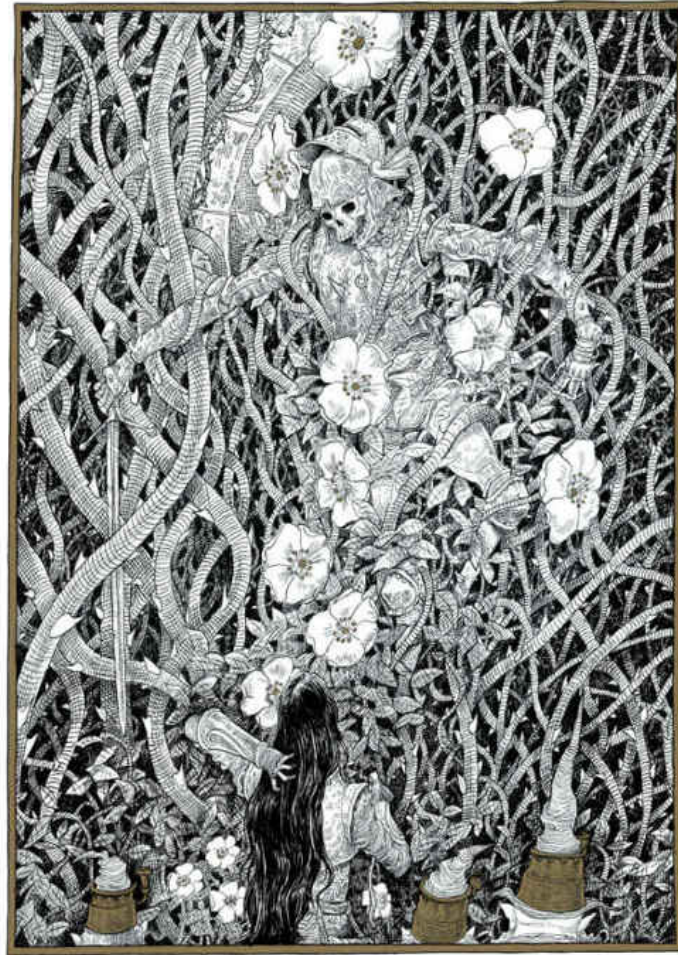
– Você é tão linda – declarou sua mãe, morta há muito tempo. – Como uma rosa carmim sobre a neve caída.





 Lobos corriam ao lado deles em alguns momentos, levantando poeira e folhas do chão da floresta, embora sua passagem não perturbasse as enormes teias de aranha que pendiam como véus ao longo do caminho. Às vezes corriam em meio aos troncos das árvores e se embrenhavam na escuridão.

A rainha gostava dos lobos e ficou triste quando um dos anões começou a gritar, dizendo que as aranhas eram maiores que porcos, e os lobos desapareceram de sua mente e do mundo. (Não era nada disso. Elas eram simples aranhas, de tamanho normal, acostumadas a tecer suas teias, imperturbáveis pelo tempo e por viajantes.)



A ponte levadiça sobre o fosso estava arriada e eles a atravessaram, mesmo quando tudo parecia empurrá-los para trás. No entanto, não tinham como entrar no castelo: grossos espinhos e ramos jovens carregados de rosas bloqueavam a passagem.

A rainha observou o que restou dos homens nos espinhos: esqueletos em armaduras e esqueletos sem armaduras. Alguns estavam posicionados bem no alto, na lateral do castelo, e a rainha se perguntou se teriam escalado à procura de uma entrada e morrido ali, ou se teriam morrido no chão e, depois, sido carregados para cima à medida que as rosas cresciam.

Ela não chegou a uma conclusão. As duas opções eram possíveis.

Então seu mundo pareceu ficar mais quente e agradável, e ela teve certeza de que não faria mal fechar os olhos só por alguns instantes. Quem iria se importar?

– Socorro – sussurrou a rainha.

O anão de barba castanha arrancou um espinho do arbusto de rosas mais próximo e espetou-o com força no polegar da rainha, removendo-o em seguida. Uma gota de sangue escuro pingou no piso de pedra da entrada do castelo.

– Ai! – exclamou a rainha. E completou: – Obrigada!



Eles fitaram a espessa barreira de espinhos, os anões e a rainha. Ela estendeu o braço, colheu uma rosa da trepadeira mais próxima e prendeu-a no cabelo.

– Nós poderíamos cavar um túnel – disseram os anões. – Passar por baixo do fosso, pelos alicerces e depois subir. Só levaria cerca de dois dias.

A rainha refletiu. Seu polegar doía, mas a dor era bem-vinda.

– Isso começou aqui há mais ou menos oitenta anos. Começou devagar. Só se espalhou recentemente. E está se propagando cada vez mais rápido. Não sabemos se os adormecidos acordarão algum dia. Não sabemos nada, exceto que podemos não ter dois dias pela frente.

Ela fitou o emaranhado de espinhos, vivos e mortos, décadas de plantas podres e secas, os espinhos tão afiados na morte quanto em vida. Andou ao longo do muro até chegar a um esqueleto, puxou o tecido apodrecido dos ombros dele e tateou-o. Sim, estava seco. Serviria para uma bela fogueira.

– Quem está com a caixa de mecha? – perguntou ela.



Os espinhos velhos queimaram bem e rápido. Em quinze minutos, chamas cor de laranja serpenteavam em direção ao céu: por um instante, pareceram engolir o castelo, mas depois se dissiparam, deixando apenas pedra enegrecida. Os espinhos que sobraram, aqueles fortes o suficiente para resistir ao calor, foram cortados com facilidade pela espada da rainha, arrancados e lançados ao fosso.

Os quatro viajantes entraram no castelo.

Pela janela estreita, a velha espiou e viu as chamas lá embaixo. A fumaça entrava pela janela, mas nem as chamas nem as rosas alcançavam a torre mais alta. Ela sabia que o castelo estava sendo invadido e teria se escondido no quarto da torre se houvesse algum esconderijo por ali, se a adormecida não estivesse na cama.

Ela praguejou e começou, com grande esforço, a descer os degraus, um a um. Pretendia ir até as ameias do castelo, de onde conseguiria chegar ao lado oposto do palácio, aos porões. Poderia se esconder lá. Ela conhecia o castelo melhor que ninguém. Era lenta, mas astuta, e sabia esperar. Ah, como sabia esperar.

Ouviu os gritos deles subindo pela escadaria.

– Por aqui!

– Aqui em cima!

– A sensação é pior por aqui. Vamos! Rápido!

Ela deu meia-volta e fez o que pôde para subir depressa, mas suas pernas não se moviam mais rápido do que se moveram mais cedo naquele mesmo dia. Eles a alcançaram assim que chegou ao último degrau: três homens, que batiam em seu quadril, seguidos de perto por uma jovem com roupas sujas de terra e com o cabelo mais preto que já vira na vida.





– Peguem-na – ordenou a jovem com tom de autoridade casual.

Os homenzinhos tiraram a bengala da idosa.

– Ela é mais forte do que parece – disse um deles, a cabeça ainda doendo do golpe que ela lhe desferira com a bengala antes que ele a confiscasse. Eles a conduziram de volta ao quarto redondo da torre.

– E o incêndio? – inquiriu a velha, que não falava com ninguém que lhe respondesse havia seis décadas. – Alguém foi morto no incêndio? Vocês viram o rei ou a rainha?

A jovem deu de ombros.

– Acho que não. Os adormecidos por quem passamos estavam do lado de dentro, e os muros são espessos. Quem é você?

Nomes. Nomes. A velha semicerrou os olhos e balançou a cabeça negativamente. Ela era quem era, e o nome com o qual fora batizada havia sido comido pelo tempo e pela falta de uso.

– Onde está a princesa?

A velha só ficou olhando para ela.

– E por que você está acordada? – insistiu a rainha.

A velha nada disse. Eles começaram a tagarelar entre si, os homenzinhos e a rainha.

– Será que ela é bruxa? Há magia à sua volta, mas não acho que seja coisa dela.

– Fiquem de olho – pediu a rainha. – Se for bruxa, a bengala pode ser importante. Mantenham-na longe dela.

– Essa bengala é minha – disse a velha. – Acho que pertencia ao meu pai, mas não lhe tinha mais serventia.

A rainha ignorou-a. Andou até a cama e puxou o cortinado. O rosto da adormecida os encarava cegamente.

- Então foi aqui que tudo começou – disse um dos homenzinhos.
- No aniversário dela – complementou outro.
- Bem – disse o terceiro. – Alguém precisa fazer as honras.
- Eu faço – disse a rainha, baixinho.

Ela aproximou o rosto da mulher adormecida. Seus lábios cor de carmim tocaram a boca cor-de-rosa da outra num beijo prolongado e intenso.



Funcionou? – perguntou um dos anões.

– Não sei – respondeu a rainha. – Mas tenho pena dela, coitadinha. Passar a vida toda dormindo.

– Você dormiu um ano inteiro nesse mesmo sono das bruxas – apontou o anão. – E não morreu de fome. Seu corpo não apodreceu.

A figura na cama se mexeu, como se estivesse tendo um pesadelo do qual lutava para acordar. A rainha ignorou-a. Havia reparado em algo no chão ao lado da cama. Ela se abaixou e pegou o objeto.

– Agora isto – disse ela. – Isto cheira a magia.

– Há magia em tudo aqui – disse o anão menor.

– Não, *isto* – disse a rainha. Ela lhe mostrou o fuso de madeira, a metade da base enrolada com um fio. – *Isto* cheira a magia.

– Estava aqui, neste quarto – disse, de repente, a velha. – Eu ainda era praticamente uma criança. Nunca tinha ido tão longe, mas subi os degraus, subi e subi, girando e girando, até chegar ao cômodo mais alto. Eu vi essa cama, essa mesma que você vê, mas não tinha ninguém nela. Só havia uma velha sentada num banquinho fiando lã com seu fuso. Eu nunca tinha visto um desses. Ela me perguntou se eu queria tentar. Pegou a lã e me entregou o fuso. Segurou meu polegar e



furou-o com a ponta do fuso até sair sangue e molhou o fio no sangue. Então falou...

Outra voz a interrompeu. Era uma voz jovem, de menina, mas soava grave como a de quem acabou de acordar.

– Falei: eu lhe tiro o sono, menina, assim como lhe tiro o poder de me machucar enquanto durmo, pois alguém precisa ficar acordado enquanto descanso. Sua família, seus amigos e seu mundo vão dormir também. Então me deitei e adormeci, e eles também, e à medida que cada um pegava no sono eu roubava um pouco da vida deles, um pouco dos seus sonhos, e, à medida que eu repousava, recuperava minha juventude, minha beleza e meu poder. Eu dormi e fiquei mais forte. Desfiz os efeitos do tempo e criei para mim um mundo de escravos adormecidos.





Ela estava sentada na cama. Tinha uma aparência tão bela e tão jovem.

A rainha olhou para a menina e reconheceu algo nela: o mesmo olhar que vira nos olhos da madrasta, e soube que espécie de criatura era essa garota.



– Fomos levados a crer – disse o anão maior – que, quando você acordasse, o resto do mundo acordaria também.

– Por que pensariam uma coisa dessa? – perguntou a loirinha, toda infantil e ingênua (ah, mas seus olhos! Seus olhos eram tão velhos). – Eu gosto deles dormindo. Ficam mais... obedientes. – Ela fez uma pausa. Então sorriu. – Neste exato instante estão vindo atrás de vocês. Eu os chamei aqui.

– É uma torre alta – comentou a rainha. – E os adormecidos andam devagar. Ainda temos tempo para uma conversinha, Vossa Alteza das Trevas.

– Quem é você? Por que conversaríamos? Como sabe que deve se dirigir a mim dessa forma? – A garota desceu da cama e se espreguiçou toda, esticando cada dedo antes de passá-los pelos cabelos loiros. Ela sorriu e foi como se o sol brilhasse no quarto sombrio. – Os pequeninos ficarão onde estão. Não gosto deles. E você, menina. Você também vai dormir.

– Não – disse a rainha.

Ela ergueu o fuso, o fio enrolado enegrecido pelo passar dos anos e pela ação do tempo.

Os anões pararam onde estavam, oscilaram e fecharam os olhos.

– É sempre assim com a sua laia. Vocês precisam de juventude e beleza. Gastaram as suas há tempos e procuram formas cada vez



mais complexas de obtê-las. E sempre têm sede de poder – disse a rainha.

As duas estavam quase nariz com nariz, e a loira parecia muito mais jovem que a rainha.

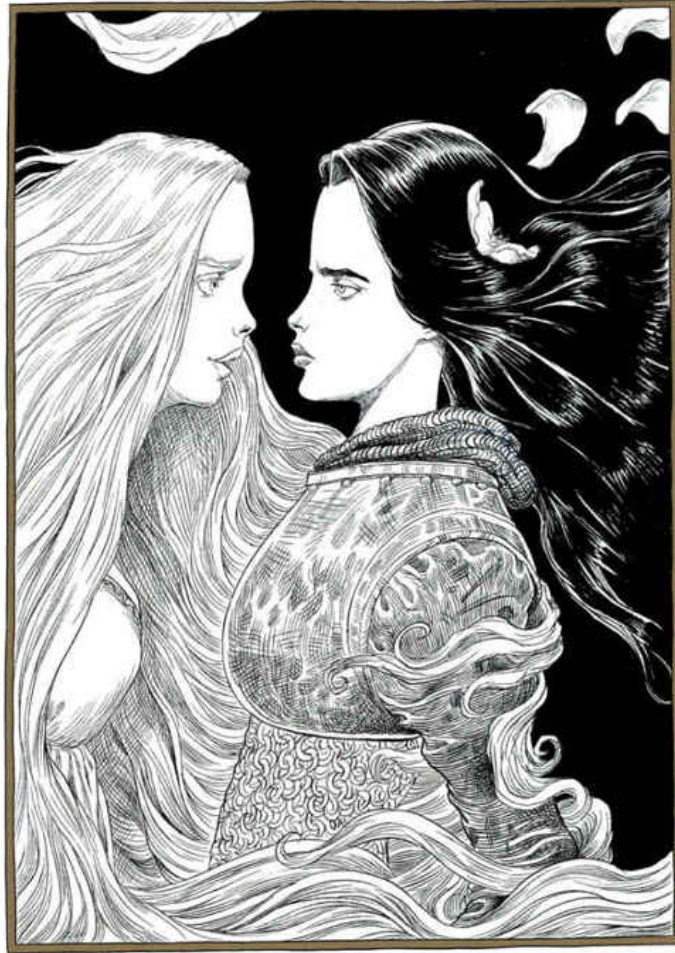
– Por que você não vai dormir, hein? – perguntou a menina, abrindo um sorriso singelo, exatamente como sorria a madrasta da rainha quando queria algo.

Um ruído soou na escada, lá embaixo.

– Eu dormi um ano inteiro num caixão de vidro – disse a rainha. – E a mulher que me colocou lá era muito mais poderosa e perigosa do que você jamais será.

– Mais poderosa que eu? – A menina parecia se divertir. – Há um milhão de adormecidos sob meu comando. Cada minuto que passei dormindo aumentou meu poder, e o círculo de sonhos se amplia mais rápido a cada dia. Tenho minha juventude; tanta juventude! E minha beleza. Nenhuma arma pode me ferir. Nenhum ser vivo é mais poderoso que eu.





Ela parou e encarou a rainha.

– Você não é do nosso sangue – continuou. – Mas tem um pouco da habilidade. – Então sorriu o sorriso de uma menina inocente ao acordar numa manhã de primavera. – Governar o mundo não será uma tarefa fácil. Nem manter a ordem entre as integrantes da Irmandade que sobreviveram nesta era degenerada. Vou precisar de alguém que seja meus olhos e meus ouvidos, que faça cumprir as leis, que cuide das coisas quando eu estiver ocupada. Eu ficarei no centro da teia. Você não vai governar comigo, e sim abaixo de mim, mas ainda assim governará continentes, não só um mísero reino. – Ela estendeu a mão e acariciou a pele pálida da rainha, que, na penumbra do quarto, parecia quase tão branca quanto a neve.

A rainha nada disse.

– Me amar – disse a menina. – Todos vão me amar, e você, que me acordou, terá que me amar mais que todos.

A rainha sentiu uma inquietação no coração. Lembrou-se de sua madrasta, que gostava de ser adorada. Aprender a ser forte, a sentir as próprias emoções, e não as de outros, foi difícil; mas quando você pega o jeito, não esquece mais. E ela não queria governar continentes.

A menina sorriu para ela com olhos da cor do céu matinal.

A rainha não sorriu. E estendeu a mão.

– Aqui – falou. – Isto não me pertence.



Ela passou o fuso para a velha ao lado. A idosa o ergueu, pensativa. E começou a desenrolar o fio com dedos artríticos.

– Isto era minha vida – falou. – Este fio era minha vida...

– *Era* sua vida. Você a deu para mim – disse a adormecida, irritada. – E você já viveu demais da conta.

Após tantas décadas, a ponta do fuso ainda estava afiada.

A velha, que um dia fora uma princesa, segurou o fio com firmeza e cravou a ponta do fuso no peito da loira.

A menina observou um pingo de sangue escorrer de seu peito e manchar de vermelho o vestido branco.



– Nenhuma arma pode me ferir – afirmou ela, e sua voz de menina soou petulante. – Não mais. Veja. É só um arranhão.

– Isso não é uma arma – declarou a rainha. – É sua própria magia. E um arranhão era tudo que bastava.

O sangue da menina ensopou o fio que estivera enrolado no fuso, o fio que ia do fuso até a lã crua na mão da velha.

A menina olhou para baixo, para o sangue que manchava seu vestido e para o sangue no fio.

– Foi só uma picada na pele, nada mais – disse a menina, parecendo confusa.

O ruído na escada aumentava. Um som de deslocamento vagaroso e irregular, como se uma centena de sonâmbulos subisse a escadaria circular de pedra com os olhos fechados.

O cômodo era pequeno, não havia onde se esconder, e as janelas do quarto eram apenas duas frestas na parede de pedra.

A velha, que não dormia havia muitas décadas, falou:

– Você roubou meus sonhos. Roubou meu sono. Agora chega.

Ela era bem velhinha. Os dedos deformados, como as raízes de um espinheiro. O nariz era grande, as pálpebras, caídas, mas seu olhar naquele momento assemelhava-se ao de uma pessoa jovem.



Ela balançou e então cambaleou, e teria caído no chão se a rainha não a tivesse pegado primeiro.

A rainha carregou a velha até a cama, impressionada com a leveza dela, e deitou-a na colcha carmim. O tórax da idosa subia e descia.

O ruído na escada ficou muito mais alto. Então fez-se um silêncio, seguido por uma balbúrdia repentina, como se cem pessoas falassem ao mesmo tempo, surpresas, iradas e confusas.

– Mas... – disse a linda garota, a meninice e a beleza se esvaindo.

O rosto caiu e as feições ficaram menos harmoniosas. Ela se aproximou do anão menor e puxou a machadinha do cinto dele. Atrapalhou-se um pouco com a arma, mas ergueu-a ameaçadoramente com mãos enrugadas e velhas.

A rainha desembainhou a espada (o fio da lâmina estava lascado e danificado pelos espinhos), mas, em vez de desferir um golpe, deu um passo para trás.

– Ouça! Eles estão acordando – falou. – Estão todos acordando. Repita o que você me disse sobre a juventude que roubou deles. Repita o que falou sobre sua beleza e seu poder. Conte de novo como foi inteligente, Vossa Alteza das Trevas.

Quando as pessoas chegaram ao quarto na torre, viram uma velha senhora dormindo numa cama, a rainha de pé e, ao lado dela, os anões, que sacudiam ou coçavam a cabeça.

Elas viram algo mais no chão: uma pilha de ossos, um tufo de cabelo tão fino e tão branco quanto uma teia de aranha recém-tecida, tiras de trapos cinzentos por cima e, em toda a superfície, uma leve poeira.

– Cuidem dela – disse a rainha, apontando com o fuso de madeira escura para a velha senhora na cama. – Ela salvou suas vidas.

E então partiu com os anões. Nenhuma das pessoas no quarto nem nos degraus ousou detê-los e nenhuma delas jamais entenderia o que havia acontecido.





Apouco mais de um quilômetro do castelo, numa clareira na Floresta de Acaire, a rainha e os anões acenderam uma fogueira com galhos secos e nela queimaram o fio e o tecido. O anão menor reduziu o fuso a pedacinhos de madeira escura com sua machadinha, e eles os lançaram na fogueira também.

As lascas de madeira liberaram uma fumaça tóxica ao queimar, o que fez a rainha tossir, e o ar ficou impregnado com o cheiro de magia antiga.

Mais tarde eles enterraram os fragmentos carbonizados de madeira sob uma sorveira brava.

À noite chegaram aos limites da floresta e a uma trilha definida. Eles podiam ver uma aldeia do outro lado da colina e fumaça saindo das chaminés.

– Então – começou o anão de barba castanha. – Se viajarmos em direção ao oeste, chegaremos às montanhas no fim da semana e entregaremos você de volta ao palácio em Kanselaire dentro de dez dias.

– Sim – disse a rainha.

– E seu casamento estará atrasado, mas vai acontecer logo após a sua chegada, e as pessoas vão comemorar, e uma alegria sem fim tomará conta do reino.

– Sim – disse a rainha.



Ela não falou mais nada, mas sentou-se no musgo abaixo de um carvalho e sorveu a quietude, com cada batida do coração.

Existem escolhas, pensou ela quando já estava sentada ali por algum tempo. *Existem sempre escolhas*.

Ela fez uma.

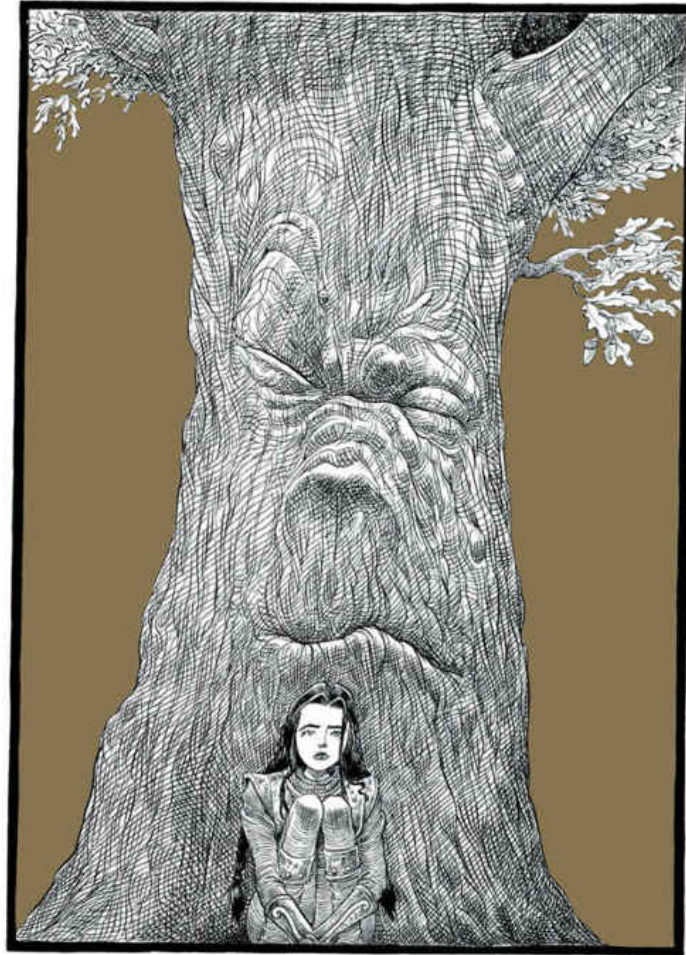
A rainha começou a andar e os anões a seguiram.

– Você *sabe* que estamos indo para o leste, não sabe? – perguntou um dos anões.

– Sei sim – respondeu a rainha.

– Então tudo *bem* – comentou o anão.

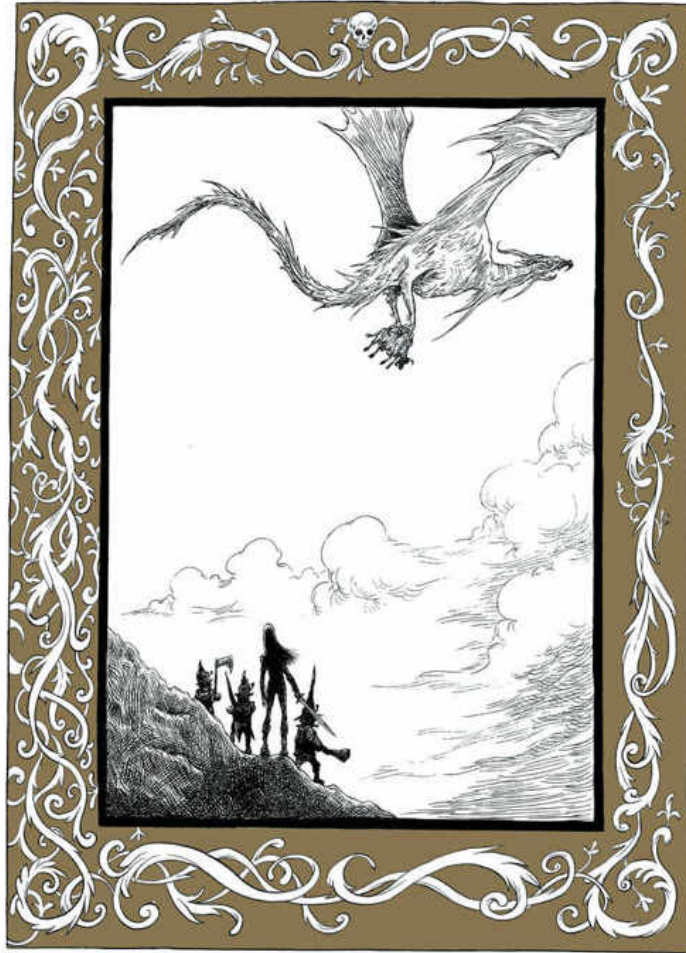
Eles andaram para o leste, os quatro, para longe do pôr do sol e das terras que conheciam, e seguiram noite adentro.

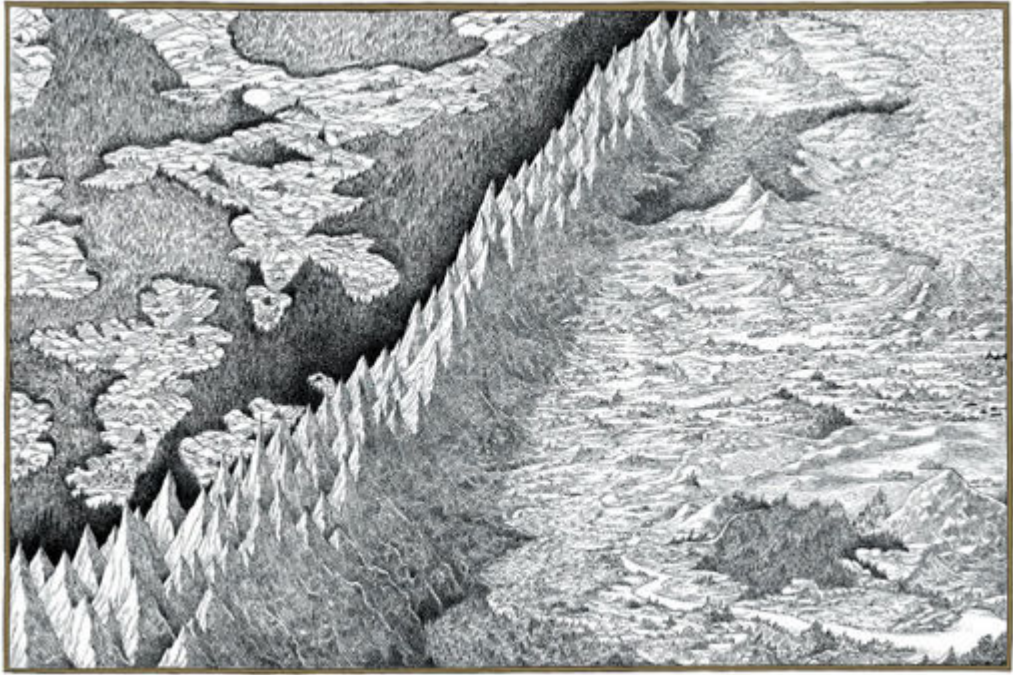




Eles andaram para o
leste,
os quatro, para longe do
pôr do sol e das
terras que conheciam,
e
seguiram
noite
adentro.







Título Original

THE SLEEPER AND THE SPINDLE

Esta história apareceu primeiro em *Rags & Bones: New Twists on Timeless Tales*, publicada em 2013 pela Little Brown.

Primeira edição publicada na Grã-Bretanha em outubro, 2014, pela
Bloomsbury Publishing Plc
50 Bedford Square, London WC1B 3DP

Copyright do texto © Neil Gaiman, 2013, 2014

Copyright das ilustrações © Chris Riddell, 2014

O direito moral do autor e do ilustrador foi assegurado.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida sem
autorização por escrito do editor.

A edição brasileira desta obra foi publicada mediante acordo com a
Bloomsbury Publishing Plc.

Rocco Digital é responsável pelas publicações em formato eletrônico
dos selos Rocco Jovens Leitores e Rocco Pequenos Leitores

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

ROCCO JOVENS LEITORES

GERENTE EDITORIAL

Ana Martins Bergin

EQUIPE EDITORIAL

Elisa Menezes

Larissa Helena

Manon Bourgeade (arte)

Milena Vargas

Viviane Maurey

ASSISTENTES

Gilvan Brito (arte)

Silvânia Rangel (produção gráfica)

REVISÃO

Sophia Lang

Wendell Setubal

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS

Edmo Suassuna

ROCCO DIGITAL

COORDENAÇÃO DIGITAL

Lúcia Reis

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO DIGITAL

Joana De Conti

REVISÃO DE ARQUIVO EPUB

Priscylla Piucco

Edição digital: novembro, 2015.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G134b

Gaiman, Neil, 1960-

A bela e a adormecida [recurso eletrônico] / Neil Gaiman ; ilustração Chris Riddell
; tradução Renata Pettengill. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.
recurso digital

Tradução de: The sleeper and the spindle
ISBN 978-85-8122-619-4 (recurso eletrônico)

1. Fantasia - Ficção infantojuvenil. 2. Ficção infantojuvenil inglesa. 3. Livros
eletrônicos. I. Riddell, Chris. II. Pettengill, Renata. III. Título.

15-27189

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.



NEIL GAIMAN já escreveu livros aclamados pela crítica, tanto para crianças quanto para adultos, e foi o primeiro autor a ganhar as medalhas Carnegie e Newbery pelo mesmo trabalho – *O livro do cemitério*. Muitas de suas obras, incluindo *Coraline* e *O mistério da estrela* – *Stardust*, foram adaptadas para o cinema. Ele também escreveu dois episódios de Doctor Who (um dos quais foi premiado com um Hugo) e apareceu como ele mesmo num episódio dos Simpsons.

CHRIS RIDDELL é um ilustrador muito querido e famoso cartunista político. Foi premiado com o Costa Children's Book Award, o Nestlé Gold Award e duas medalhas Kate Greenaway. Ele é cocriador do famoso bestseller do *New York Times* *Crônicas da Fímbria*, é autor e ilustrador dos livros da Otolina e trabalha para o jornal *Observer*.